

Notas sobre a Independência: ruínas

Fercho Marquéz-Elul

Resumo

Este ensaio visual reflete sobre o bairro Independência, situado na região central de Porto Alegre (RS). Formado por registros fotográficos e fragmentos narrativos, parte dos elementos como um viaduto, um estacionamento e um edifício abandonado para especular e refletir a respeito da ruína contemporânea que o urbanismo articula, legando esquecimento e invisibilidade ao habitante que produz cidade.

Palavras-chave

Notas sobre a Independência. Ensaio visual. Escrita. Arquitetura. Ruínas.

Notes on Independence: ruins

Abstract

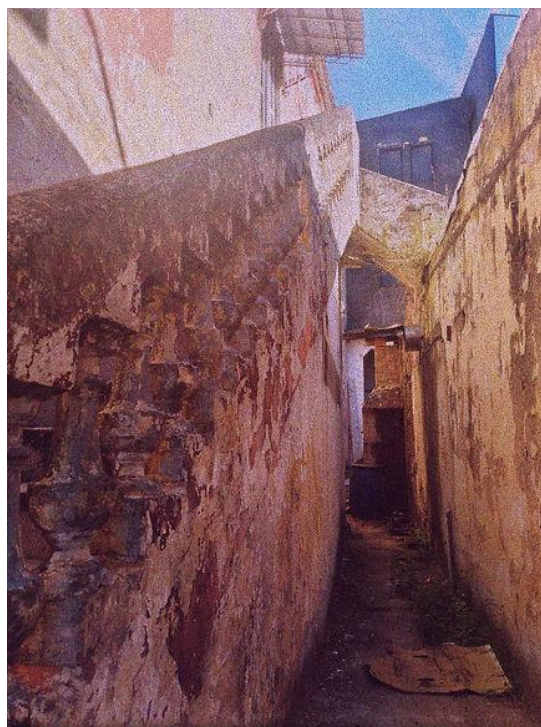
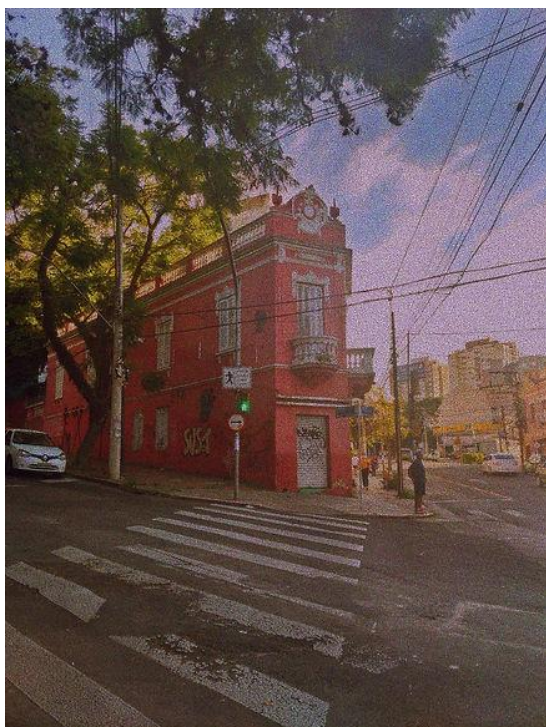
This visual essay reflects on the neighborhood Independência, located in the central region of the city of Porto Alegre (in the state of Rio Grande do Sul, Brazil). Consisting of photographic records and narrative fragments, it uses elements such as an overpass, a parking lot, and an abandoned building to speculate and reflect on the contemporary ruin that urbanism connects, imparting oblivion and invisibility to the inhabitant who produces the city.

Keywords

Notes on Independence. Visual essay. Writing. Architecture. Ruins.

I

Incrustada na esquina, a ribanceira do bairro, proa de barco arquitetônica que desenvolve uma ruína. O teto desabou em sótão, as paredes se descascaram em lâminas empoeiradas, a escadaria que faz conversar o térreo com o andar, abandonada, muda e disfuncional força o céu azul querer descer ao chão. A caixa das histórias e de abrigos se informa em arestas que entortam descolando-se uma das outras. O espaço vai florindo uma flor cuja planta fora alimentada pelo esquecimento. Por ora, ela me retoma dois pensamentos que se bifurcam no meio do caminho: a tragédia que se instala quando as sacadas protuberantes resistem sem atenção e qualquer ideia que a ruína me fez esquecer.



II

A depender da época do ano, o sol ao fim do dia desce, dispondo exatamente de frente para a rua onde convivem eu e um pontilhão. Sua luz ilumina toda a longa extensão da rua, exceto a parte inferior do viaduto. Em cima, o ritmo incessante de carros carrega a pressa de carregar pessoas transformadas em tempo. Embaixo, no pequeno paço que sua construção compassou, pessoas impostamente aferidas em espaço são os habitantes dali, apesar de baixo de ponte não ser habitat de ninguém, exceto das sombras. Ali eles vivem, despidos pelo assombro que o cotidiano da vida naturaliza quando aceitamos assinar, em concordância à realidade, seu contrato de aceite. Eles, ali, são transformados em uma massa familiar, ágrafos em sentimentos, com a única função de ocupar os cantos, como se fossem a cara metade dos lugares mais baixos, dos cantos mais anfractuosos de toda arquitetura hostil.



Fercho Marquéz-Elul. *Decretos (para a cidade)* de Valdir Dutra da Silva, 28 de abril de 2018. Placas inscritas entre a avenida Alberto Bins e Rua da Conceição, no Bairro Independência, Porto Alegre/RS.

III

Em toda cidade, o ímpeto da ganância construtiva impede a permanência de lugares vazios – uma necessidade vital para a vida urbana. Ao mesmo tempo, o próprio motor de esqueletos de concreto, empilhados outros sobre uns, disfarçados de gramática estilosa, produz descontroladamente esses mesmos espaços esvaziados. Estacionamentos são essas arquiteturas que pecam pela falta, que se constroem em um só bloco invisível, no qual somente os carros têm vez. No centro do bairro há essa estrutura vazia, fortemente armada de ar, de céu, onde o que rareia em elementos, instaura justamente um edifício invisível aéreo cujo topo ou pico mais alto desse arranha-céu particular termina, justamente na superfície do chão. Estacionamentos são, no fim, arranha-chãos e isso é tão claro para mim.



MARQUÉZ-ELUL, Fercho. Notas sobre a Independência: ruínas. In: FEDRIZZI, Fernanda (org.). *C E N T E L H A*, Porto Alegre: Editora Certerrada, n. 1, 2022. Disponível em: <https://www.fernandafedrizzi.com/centelha-16>.